

Epistemologias desde o corpo: o processo da videoinstalação Linguametragem (2017)

Ianni Barros Luna¹

Resumo

Este artigo traz o processo iniciado a partir de uma residência artística na Biblioteca da Universidade de Brasília (BCE UNB), que gerou uma videoperformance que, por sua vez, gerou uma videoinstalação, que, posteriormente, foi exibida na própria BCE e, mais tarde, no Museu Nacional da República durante o II Colóquio Internacional Retina, em Brasília. *Linguametragem* é um experimento em torno da noção do livro e seus contextos semânticos. Aproximações do conhecimento por meio do corpo, suas (dis)funções, seus (des)usos. Fronteiras de sentido que habitam contextos epistemológicos improvisados.

Abstract:

This paper delivers the process started from the artistic residence in the Central Library of the University of Brasilia (BCE UNB), which generated a videoperformance, which in turn generated a videoinstalation that was exhibited in the BCE itself and later in the National Museum of the Republic during the II Retina International Colloquium in Brasilia. *Linguametragem* is an experiment around the notion of the book and its semantic surroundings. Frontiers of sense that inhabit improvised epistemological contexts.

Palavras-chave

videoinstalação, processo, biblioteca, estética relacional, residência artística.

A videoinstalação *Linguametragem* (2017) resultou de um processo prático-poético de quatro meses junto à disciplina Tópicos Especiais em Poéticas Contemporâneas do PPGArtes UnB (programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília). Tudo começa com uma residência artística na biblioteca (BCE - UnB) cuja proposta era vivenciar um espaço de conhecimento institucionalizado a partir de experiências poéticas. Criar cartografias inventivas, invertidas, produzindo contra-mapas. Aos moldes de um 'trabalho de campo' antropológico, a proposta era criar situações, conexões de sentido que pudessem gerar obras *site specific*.

Nos juntamos numa espécie de coletivo (Ana Reis, Ianni Luna e Natasha de Albuquerque) para realizar um projeto em vídeo que pudesse fazer a nossa cartografia do espaço do saber. Pensamos em como criar ocasiões de resistência, antipráticas que apontassem erros, falências, disfunções, espaços inauditos, invisíveis, marginalizados dentro daquele lugar

¹ Ianni Barros Luna é doutoranda em Artes pelo PPGArtes (Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília). Email: 141277@gmail.com

que carrega tanta carga simbólica enquanto detenção e distribuição do conhecimento.

Filmado sem roteiro prévio, *Linguametragem* é uma videoperformance em que a ação e a imagem se fazem pela experiência em tempo presente, numa captura improvisada do gesto do saber. A câmera também em deriva, move-se e coloca-se a partir das vibrações e do inesperado. Caminhamos nessa espécie de poética sensorial. Sentimos a selvageria, imersa em racionalidade, nos lançamos a ela, imergimos em sua materialidade. “Conheço distritos em que os jovens se prostram diante dos livros e beijam com barbárie as páginas, mas não sabem decifrar uma única letra” (BORGES, 1999:42).



Figura 1 – *Linguametragem*, 2017 (frame de vídeo). Ana Reis, Ianni Luna, Natasha de Albuquerque. Fonte: arquivo pessoal.

Durante a residência artística, tivemos encontros no entorno da biblioteca, onde debatemos textos num gramado verde com piqueniques conceituais. Derivamos pela BCE, observamos seus espaços, utilizamos auditórios para conversas com artistas colaboradores/as. Tivemos aulas sobre o sistema de funcionamento, mecanismos de indexação, circulação e armazenamento do conhecimento da biblioteca.

Corredores com 29 passos de comprimento. Menino sentado no chão. Narrativas presenciais e narrativas já mortas, paradoxos.

Perversões sexuais, sonhos. Janelas para circular o ar, por favor não fechar. Subsolo, concreto e grade. Mente sonolenta. Alfabeto fenício. Escrita pascoense. Inseto morto, amassado. Página amarela. Canto com armários empilhados, enferrujados. Estudos afrobrasileiros. O vazio. [Interditado]. Cabine individual. Silêncio. Blood. Blood. Blood. Blood. Blood. Blood. Estantes e estantes e estantes vazias. Obstrução da passagem. Corredor. Karl Marx. Céu azul. Cimento. Conspiração contra revolucionária. Objeto encontrado. 2 2 2 2. Corpo extenso. Toxicology. Drug and Chemical. Environmental Health. Journal of hygiene. Economia e Sociologia Rural. Corpo estendido no chão.

Derivar, andar sem destino prévio, conhecer pelo desconhecido. Perder-se entre prateleiras e corpos. Devorar textos, palavras, conceitos, trazendo o sensorial para o espaço racionalizado do conhecimento. O corpo do livro, os corpos das pessoas que ali circundam. Espaço de isolamento, concentração e silêncio. Cabines individuais, zonas com diferentes níveis de barulho, prateleiras vazias, prateleiras abarrotadas, livros empoeirados, frases e poesias estampadas nas paredes com o intuito de regulamentar o comportamento: não coma, não fale, não faça barulhos.

O corpo e seu movimento aqui são tidos como contaminação que desestabiliza o acesso à racionalidade. Todo um aparato institucional é ativado para controlar aquilo que transborda e desvia o estudo concentrado, disciplinado, vertical. Há um constante gerenciamento comportamental que busca neutralizar os indícios corporais, as impurezas, fluidos, secreções, sexualidades. Sons orgânicos, tosses, espirros, risadas.. A verve da vida é sancionada e regulamentada. Que o outro não perceba teu corpo.

O corpo é tido como abjeto por sua condição de organismo incontrolável. Seus processos microscópicos, celulares, atuando para além da dimensão civilizatória.



Figura 2 – *Linguagem*, 2017 (frame de vídeo). Ana Reis, Ianni Luna e Natasha de Albuquerque. Fonte: arquivo pessoal.

Para Paola Berenstein Jacques estas práticas de desestabilização podem ser entendidas como “errâncias”, como um desestabilizador de partilhas hegemônicas e anestésias (JACQUES, 2005). Resistir pelas brechas para que a experiência não se esterilize. Romper as programações que direcionam o uso do espaço e nossas relações com o que ele abriga: o livro. Na biblioteca, num certo sentido, o que se realizou foi uma cartografia de um “mapa de dentro” (JACQUES, 2012), um mapa de encontro direto. Paisagens humanas, cotidianos de um ambiente social. Regras de convívio, de manejo. Vagamos e erramos. Dormimos e babamos nos livros. Escondemos cafés ao passar na entrada e os bebemos sob a placa de proibido. Ocupamos o espaço sem medi-lo ao invés de medir para ocupar (JACQUES, 2012).

Mapeamos o espaço a partir de uma aproximação corporal e sensorial, que se configurou como uma cartografia afetiva. O/a cartógrafo/a é um/a antropófago/a que devora conhecimentos e os usa a partir daquilo que vibra no seu corpo, com práticas cujas estraté-

gias dizem respeito às formações do desejo no campo social (ROLNIK, 1987). Abrindo-se para as manifestações geradas corporalmente, tal cartografia se guia pela relação com os elementos contextuais, e se afasta de uma noção mais referencial do mapa enquanto representação estática e geograficamente equivalente. Uma cartografia errante, de experiências não planejadas que se abrem para o que vibra no corpo se entregando e aceitando a vida – de corpo e língua – sem seguir protocolos normatizados. Seu princípio é um anti-princípio, pois precisa estar sempre mudando de princípios de acordo com critérios vitais, e não morais, sendo uma prática eminentemente política (ROLNIK, 1987).

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (ROLNIK, 1987:57)

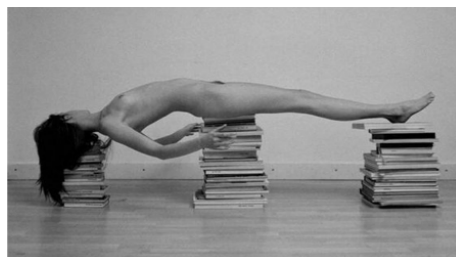


Figura 3 – Melanie Bonajo, *Furniture Bondage*, 2009. Fonte: <http://www.zupi.com.br/wp-con->

tent/uploads/2014/05/melanie-bonajo-art-zu-pi-7.jpg

Nicolas Bourriaud afirma que a arte é um estado de encontro fortuito, um encontro casual, inesperado, onde a presença do outro é reconhecida (BOURRIAUD, 2009). Há um sentimento de ligação, uma construção de vínculo. A ligação funciona como aglutinante que conecta o objeto com a pessoa que se deixa contaminar. São momentos subjetivos em experiências singulares. Há uma imanência com as coisas do mundo.

Mas o que é o livro? O que se pode fazer com um livro? Como e para que usá-lo? Quais acessos sensoriais foram privilegiados para o conhecimento? “Suspeitamos de que tudo aquilo que não se pode pôr no papel não seja nada (...) Somos certamente traças de livros e nos alimentamos daquilo que nos devora. Vivemos de livros e para os livros” (FLUSSER, 2010:108). O objeto livro, que encerra dinâmicas de fala sobre a verdade do mundo. Junto à biblioteca, o livro e a leitura atuam como índices de poder e saber. Nossa cultura intelectual material sancionada encarnada.



Figura 4 – *Linguametragem*, 2017 (frame de vídeo). Ana Reis, Ianni Luna, Natasha de Albuquerque. Fonte: arquivo pessoal.

Nossa pesquisa, de método errante, o qual desvia-se do método científico tradicional, se des-guia pelos sentidos, pela vontade, desejo, afeto e curiosidade. Metodologia aberta, de improviso, atravessada pela noção do duvidoso². Estávamos à deriva, em disponibilidade para o encontro, nos deixando levar pelas surpresas do trajeto. Como percorrer a biblioteca a partir dos sentidos? Que encontros preenchem esse espaço? Como o corpo conhece? Como lê o corpo para além de percorrer com os olhos as letras enfileiradas no papel?

O desejo de saber, de deter conhecimentos sobre todas as coisas foi revirado em seu lado oposto. Estivemos atravessadas pelo desejo de inserir a dúvida. Podemos ver outras verdades ou duvidar delas. Inserir a dúvida seria uma forma de conhecimento. A dúvida transfigura as capacidades de lidar com o saber. Duvidamos para respirar. A incerteza nos leva a caminhos desconhecidos, quem sabe caminhos futuros, que ainda estão por se imaginar...

“A sedução está na lombada. Ele (o livro) quer ser girado, aberto e folheado” (FLUSSER, 2010:109). Livros. Podem ser aconchegos, a serem acessados, no nosso ritmo. Objetos de desejo. De descarte. De esfregar, umedecer, excitar. São fetiches, são amores, os tocamos. Ardentes, compenetradas, realizamos nossa dança da leitura nesse ambiente de silêncio absoluto. De concentração compulsória da biblioteca. Essa caverna de individualidades, afins, isoladas: (des)codificamos.

Ter o livro, sim, lê-lo também, mas também, e sobretudo, ver, virar e gerar as suas páginas. Comê-las. É preciso construí-lo como objeto de

arte. Libertar-se não apenas do verso, mas da própria regra da página, sim ou não? À arte cabe essa liberdade, mesmo se melancólica (SILVEIRA, 2001:29).

Em meio a práticas duvidosas o livro se torna inútil na sua função original. Não sendo mais necessário lê-lo, podemos cheirar, lambe, morder, comer, afagar suas páginas, beijar sua face, tocar em suas entranhas. Haverá livros grandes e livros pequenos, livros brilhantes e livros vermelhos, livros novos e livros empoeirados. De capas coloridas e contra-capas atraentes, compridos, quadrados, duros, estreitos, escorregadios, carentes, mudos ou falantes demais. Quantas histórias podemos ver nas texturas dos livros. Em cada poeira, nas centenas de bactérias a cada página.

Eu sou daquelas que lambe. Lambo a mim mesma. Lambo minha cria. Lambo quem me cria. Adoro poder sentir com a língua. Passá-la *superficialmente* sobre as coisas, sobre os outros, sobre mim mesma. Regozija-me o fato de poder saborear as peles das coisas. Arregalo sem vergonha a minha boca para prov(oc)ar o mundo. Acho que minha bocada é muito poderosa. Tenho a nítida impressão de que tudo pode caber dentro dela. Sou boa com a língua, tenho um ótimo linguajar. Sou meio antropofágica, eu sei. Sou meio gulosa. Mas não é devorando que a gente aprende, apreende e repreende o (in)finito? (NÓBREGA, 2011: 272)

O uso indeterminado da leitura gera práticas ilegíveis, fundamentais para a noção de arte contemporânea. Fazemos tal percurso invariável de relações errantes, salientando lugares não inteiramente codificados. Fala-se por línguas absurdas, que lambem o entendimento da palavra. O paradoxo da língua destrói o bom senso como único caminho. Ou seja, provoca-se sentidos dúbios, duvidosos, uma série de questionamentos. As leituras deixam rastros corporais, marcas, cifras e refazem outra história dentro do livro, dialogam. Estas outras histórias que se fazem às margens dos livros não são somente lidas ou entendidas, mas são sentidas e experienciadas. Desliza-se na linguagem dos acontecimentos. Abandona-se a linearidade da leitura e desperta-se as camadas de acaso do livro.

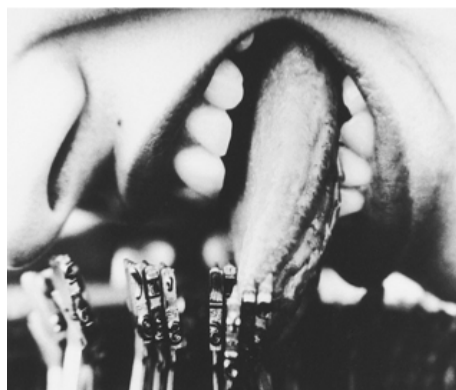


Figura 5 – Lenora de Barros, Poema, 1979.

Fonte: <http://blissnaotembis.blogspot.com>.

br/2014/11/lenora-de-barros-deve-haver-nada-ver.html

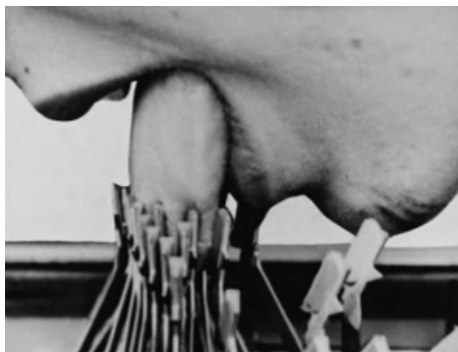


Figura 6 – Lenora de Barros, poema, 1979.
 Fonte: <http://blissnaotembis.blogspot.com.br/2014/11/lenora-de-barros-deve-haver-na-da-ver.html>



Figura 7 – Lenora de Barros, Poema, 1979.
 Fonte: <http://blissnaotembis.blogspot.com.br/2014/11/lenora-de-barros-deve-haver-na-da-ver.html>

Em “Poema” (figuras 5, 6 e 7) Lenora de Barros usa a língua para falar da linguagem, do órgão, do toque. Escrever pela língua. Encontro intenso entre o corpo, a máquina, a sensação e tais sensações. Percorrer a máquina que concretiza a linguagem. O macio da língua encontra o árduo da máquina. Lenora é uma artista que tem forte influência da Poesia Concreta, poemas de evocação visual. Em seu percurso artístico, um texto transforma-se em vídeo, o corpo em

palavra, a linguagem em língua, o texto salta e é destruído. Há a sugestão daquilo que fica na ausência do texto, do livro.



Figura 8 – Lenora de Barros. Silêncio, 1990.
 Fonte: <http://www.galeriamillan.com.br/pt-BR/ver-obra/silencio-e-calaboca-1>

Na obra “Silêncio” (figura 8) a artista imprime as letras da palavra silêncio, as põe na boca e mastiga. Na mudez, ainda se diz, se provoca. Este diálogo não dito. Sua conversa entre a escrita, o verbo, o visual e o corpo; resgata o conceito de antropofagia onde beira-se os limites da linguagem, do discurso dos outros, com os nossos. Podemos realizar outros tipos de falas e leituras em que as palavras se calem. Como um beijo, põe-se fim aos longos discursos que não têm mais sentido. As coisas mudas têm potência de significação e assim mergulhamos nas sensações das palavras não ditas.



Figura 9 – *Linguametragem*, 2017, video instalação (BCE UNB). Ana Reis, Ianni Luna, Natasha de Albuquerque. Fonte: Gustavo Rosal.

Como um looping de eterno retorno, *Linguametragem* foi exposto, numa primeira ocasião, em dois ambientes da biblioteca, na mostra coletiva CDU-4 Acervo Duvidoso (Figura 9). Como suporte do vídeo, utilizamos duas televisões antigas, ambas em lugares de passagem, e que guardavam algo de mescla com o ambiente circundante. Desta maneira, não se davam a perceber como óbvias. O público, desavisado, transitou pelos desvios da normalidade daquele espaço particular. Parou no tempo, no entendimento. Estranhou, sensibilizou-se, indignou-se, (desa)percebeu.

Numa segunda ocasião, *Linguametragem* foi exposto na exposição coletiva do Encontro Internacional #16ART Brasil no Museu Nacional da República, durante o II Colóquio Internacional Retina, em Setembro de 2017 (Figura 10). Junto a outras obras que abordavam a problemática da visão, através de reflexões sobre o ver, o visual e as visualidades; essa espécie de epistemologia desde o corpo, teve como

proposta iniciar diálogos a partir do referencial de uma poética sensorial de encontro ao livro.

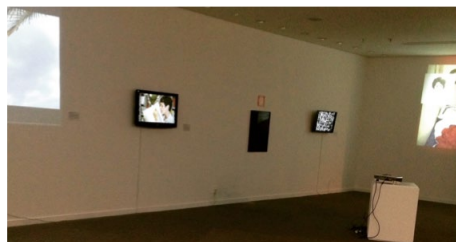


Figura 10 – *Linguametragem*, 2017, vídeoinstalação (Museu Nacional – Retina). Ana Reis, Ianni Luna, Natasha de Albuquerque. Fonte: arquivo pessoal.

Há que se ter um certo olhar, uma certa instiga para o estranhamento, para a dúvida. “A arte tem por finalidade reduzir a parte mecânica em nós: ela almeja destruir todo acordo apriorístico sobre o percebido” (BOURRIAUD, 2009:113). A relação da obra de arte com o público é de revelação: o/a espectador/a completa o processo desencadeado pelo/a artista, nesta ausência ou no vazio discreto, se desvia em licença poética.

O processo de concepção, execução e exibição da vídeoinstalação *Linguametragem* operacionalizou a ação poética enquanto uma abertura à dúvida no conhecimento, seus processos e determinações. Se insinua e ocupa. Não pergunta, necessariamente. Atua como medida de oxigenação do que está embolotado, fétido de ar parado. Erva viva. Verde, marrom. Cheia de organismo e caos. Lambemos para espalhar nossos germes no mundo e colocar para dentro do túnel das entranhas de corpos e livros, bactérias desconhecidas, vírus de outros corpos, contaminando conceitos, impregnando discursos com nossa saliva ácida e quente.

Nota

- ² *Linguagemragem* foi exposto na mostra coletiva de alunos/as do PPGArtes UnB intitulada *CDU-4 Acervo Duvidoso* na BCE UNB em Julho de 2017.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Volume I. São Paulo: Globo, 1999.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009 ii.
- FLUSSER, Vilém. *A escrita: há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- _____. "Errâncias Urbanas - a arte de andar pelas cidades". In: *ARQTEXTO*, n.7, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005 (pp. 16-25). Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf. Acesso em: 18/10/2017.
- NÓBREGA, Christus Menezes da. *Há_bit: tratado superficial de arquitetura híbrida*. Brasília: UnB/ IdA- PPGArtes, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/10173>. Acesso em: 18/10/2017.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia ou de como pensar o corpo vibrátil*. 1987. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/>

Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf. Acesso em: 18/10/2017.

SILVEIRA, Paulo Antônio. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2001.

Entrevista com Leonora de Barros para Entrelinhas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irBip6ZWu7M>. Acesso em: 18/10/2017.